

Formação de Professores para ensinar Geografia nos anos iniciais: encaminhamentos didáticos sobre a cidade

CAMILO DE SOUZA, Vanilton.

Universidade Federal de Goiás/Brasil
souzavanilton@gmail.com

VANZELLA CASTELLAR, Sônia Maria.

Universidade de São Paulo/Brasil
smvc@usp.br

[Recibido enero 2020; aceptado abril 2020]

Resumen

Um dos grandes desafios que se enfrenta na atualidade, especificamente no caso brasileiro, é o ensino de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental (crianças dos seis aos nove anos de idade). Composto essencialmente por docentes de pedagogia, esses profissionais ensinam os diversos componentes curriculares sem, no entanto, possuir sólida formação para atuar nos componentes curriculares específicos. O presente artigo objetivo, nesse contexto, apresentar o potencial da arte, especificamente a pintura em museus da cidade de São Paulo-Brasil, como recurso de ensino para o desenvolvimento do conceito de paisagem para alunos dos anos iniciais, a partir das temáticas sobre a cidade. A investigação foi desenvolvida com alunas do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo – USP, no âmbito da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia (MEG), no ano de 2014. As empirias foram retiradas das Sequências Didáticas (SD) elaboradas pelas discentes para serem aplicadas com crianças dos anos iniciais da Educação Básica. Os dados apontaram que tanto os museus quanto as pinturas permitiram abordar o tema numa perspectiva geográfica para esse contexto de ensino, o que potencializou as alunas de Pedagogia para atuarem com conteúdo específico da disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Anos iniciais; Formação de professores; Arte; Cidade.

Abstract

In Brazil, one of the great challenges currently is the teaching of Geography for the early years of Elementary School (children from six to nine years old).

This level of teaching is composed essentially of pedagogy teachers. These professionals teach several curricular components without. They haven't, however, solid training to work with specific contents. This article aims, in this context, to present the potential of art, specifically painting in museums in the city of São Paulo-Brazil, as a teaching resource for the development of the concept of landscape for students in the early years, based on the themes of City. The investigation was developed with students of the Pedagogy course at the University of São Paulo - USP, within the discipline of Geography Teaching Methodology (MEG), in 2014. The empirical data were extracted from the Didactic Sequences (SD) developed by the students for to be applied to children in the early years of Basic Education. The data showed that the museums and the paintings allowed the subject to be approached in a geographical perspective for this teaching context. That empowered the students of Pedagogy to work with specific content of the discipline.

Keywords: Geography teaching; Early years; Teacher training; Art; City.

Introdução

Convictos de que o ensino da Geografia pode promover uma aprendizagem significativa para os alunos da educação básica e por acreditar que a Geografia e o conceito de paisagem podem estabelecer uma forte ligação com as experiências diárias por parte dos alunos nos contextos metropolitanos, desenvolvemos esse texto com objetivo de analisar o potencial da arte, especificamente a pintura, como recurso de ensino para o desenvolvimento do conceito de paisagem para alunos dos anos iniciais. As análises foram baseadas na abordagem do ensino de Geografia por conceito, por considera-la capaz de proporcionar nos alunos o desenvolvimento do raciocínio geográfico. As atividades empíricas para a construção desse texto decorreram de uma experiência didática desenvolvida durante a formação inicial com 63 alunos do curso de Pedagogia da USP¹, tendo como foco o desenvolvimento de uma proposta para ensinar sobre a Cidade de São Paulo a partir das obras de arte dos principais museus da cidade².

As obras de arte em boa parte dos museus no Brasil constituem um rico patrimônio mundial e são de pouca acessibilidade para boa parte da população de baixa renda, principalmente os alunos das escolas públicas do país. Diversas coleções de vários museus, destacando as pinturas, tornam-se um vasto conteúdo geográfico o qual podemos utilizá-lo nas

1 A referida experiência didática compôs um conjunto de atividades do estágio pós-doutoral do primeiro autor, supervisionado pela segunda autora, na USP no período de fevereiro de 2014 a março de 2015.

2 No Estágio pós-doutoral, essa atividade objetiva analisar os erros didáticos e conceituais no ensino da Geografia, que melhor pode ser visto no artigo sistematizado por SOUZA e CASTELAR (2016).

aulas de Geografia, bem como proporcionar maior visibilidade desse acervo para o universo escolar. Tais obras podem se constituir em importante uso cultural e educacional para a formação do pedagogo, além de uma boa atuação no ensino da geografia.

Apesar de pouco explorado, a relação do Ensino da Geografia com as obras de arte já tem estudos significativos. Myanaki (2008) apresenta um trabalho importante nessa perspectiva, principalmente ao estabelecer as conexões entre as pinturas, a Geografia e o lugar do conceito de paisagem no ensino da disciplina. Baseado na obra de Jean-Luc Piveteau (1989), o autor estabelece a relação entre as pinturas e o espaço, observado pelas seguintes razões:

[...] 1) a pintura de paisagem é uma linguagem portadora de índices, que denota, possui significado; 2) é uma linguagem que possui a propriedade mediadora do imaginário; 3) é uma linguagem que conduz além do perceptível (exemplo de paisagens do século XIX que pouco a pouco aboliram as figuras humanas sem perder a característica humanizada); 4) permite apreender a temporalidade da nossa relação com o espaço (MYANAKI, 2008, P. 44).

Para a relação entre a paisagem e a Geografia nas obras de arte, o autor sugere ainda duas razões: uma é a relação entre a paisagem e a geografia que varia desde os clássicos tendo a paisagem como um recurso na descrição de lugares, passando pelo romântico, no qual a paisagem é uma expressão da natureza e da cultura, chegando ao moderno/contemporâneo onde a paisagem é a profusão de pontos de vista e modos de abordagem nas pinturas; a segunda relação entre a paisagem e a Geografia deve-se ao papel da paisagem no desenvolvimento da cartografia desde a sua fase pictórica, passando para uma fase mais instrumental e técnica e, atualmente, contribuindo para a composição das teorias da informação, da tecnologia digital e do mapa como um espaço tridimensional.

Além dessa temática em estudos acadêmicos, como mencionado anteriormente, as obras de arte recorrentemente aparecem como figuras nos livros didáticos de Geografia, caracterizando-se como importante linguagem nesses textos e, eventualmente, tornam-se uma fonte de conteúdo geográfico na maioria das escolas brasileiras, mesmo nos grandes centros, onde há importantes museus e um rico acervo de pinturas. Para o caso escolar, além de permitir o acesso a esse patrimônio, devemos pensar sobre o tratamento didático desses recursos para ensinar Geografia. Consideramos, nesse sentido, fundamental uma abordagem didática focada em construção de conceitos, no nosso caso, o conceito de paisagem, que iremos abordar a seguir. Para tanto, o

texto está estruturado em duas seções. Na primeira, discutiremos os aspectos de fundamento deste trabalho que versa sobre a construção de conceitos como abordagem para ensinar Geografia e como os conteúdos sobre a Cidade de São Paulo, a maior metrópole brasileira, permitiria a construção do pensamento geográfico para os escolares. Na segunda seção, apresentaremos os dados empíricos de como as obras de arte dos museus de São Paulo permitem que os professores organizem um encaminhamento didático compatível com os alunos dos anos iniciais para ensinar sobre a paisagem dessa cidade.

As bases para a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia e a formação do pensamento geográfico

A formação do professor da geografia não é tarefa simples, em que pese algumas concepções que manifestam a ideia simplista de que a aprendizagem é resultado central da transmissão dos conteúdos, conceitos e ou teorias, que devem ser desenvolvidas durante a formação do professor e que essa transmissão é condição básica para a construção do conhecimento. Sobre essa mesma perspectiva, também no âmbito escolar, cabe aos alunos da educação básica o papel de estudar o que foi ensinado para que a aprendizagem ocorra. Se não ocorrer, não aprender, não seria mais um problema do professor, porque o conteúdo foi ensinado/transmitido. Essa concepção de ensino e aprendizagem é, ainda hoje, bastante presente tanto no ensino superior como na educação básica, em que pese o crescimento das pesquisas e de propostas sobre o ensino de Geografia que apresentam modelos alternativos a essa tradicional concepção de ensino e aprendizagem. Vale ressaltar também, que o desenvolvimento de propostas alternativas nos últimos anos tem se reverberado, mesmo que lentamente, em práticas alternativas na escola. O modelo tradicional, no entanto, ainda é muito presente no meio educacional brasileiro, que inclui a educação básica.

Garcia Perez (2000), aponta que a base do modelo tradicional de ensino se apoia na supremacia de um conhecimento também tradicional e que a fonte para a formação docente gira em torno, centralmente, das disciplinas do conhecimento (Porlán e Rivero, 1998) e que pouco se valoriza outras fontes de informação, a exemplo: os conteúdos contidos nas obras de arte, objeto deste texto. A formação do professor de Geografia tem se transcorrido centralmente no acesso aos conteúdos científicos da disciplina, expressa em textos de linguagem acadêmica de baixa acessibilidade de comunicação, principalmente para os alunos dos cursos de Pedagogia que, no Brasil, são os que ensinam a disciplina nos anos iniciais e que se constitui numa linguagem privilegiada para formar o professor. Tais concepções reforçam as crenças de que os conteúdos de Geografia são expressos, centralmente, em apenas uma linguagem, a

textual, bastando a existência dos textos nos livros para transmiti-los e que tais conteúdos serão assimilados sem qualquer alteração.

Tais crenças são negligentes por não considerar os vários fatores³ que dificultam o processo de construção do conhecimento e tomam a assimilação dos conteúdos como uma tarefa simples. Para a complexidade que é a formação de professores e os processos de ensino e aprendizagem na escola, temos que considerar, por um lado, a coerência teórica e metodológica entre as diversas áreas do conhecimento que formam o profissional, a Arte, a Geografia e a Didática, por exemplo. Por outro lado, deve-se considerar os processos psicológicos que permitem aos alunos a internalização do conhecimento e em exercer coerentemente a prática e a autonomia na vida cotidiana.

O ensino envolve ações que são para além do ato da transferência do conteúdo e da reprodução desses conteúdos como ação mnemônica. A nossa concepção de ensino e aprendizagem, nesse texto, decorre centralmente de uma visão histórica e social na qual concebemos a escola como um encontro de culturas, de histórias, de conhecimentos diversos, que se manifestam nas práticas sociais e culturais no cotidiano escolar. Compreendemos que o ensino e a aprendizagem são dimensões sócio cognitivas e que são partes integrantes da prática social historicamente constituídas (CASTELLAR, 2010). Este trabalho parte também da importância da mediação do professor na construção de conceitos geográficos compreendendo, neste caso, as obras de arte como um importante instrumento da mediação do professor entre aluno e conhecimento geográfico sobre a Cidade de São Paulo, que será estudada a partir do conceito de paisagem.

Para formar os professores da Pedagogia capazes de atuar no ensino de Geografia para os anos iniciais, consideramos a existência de diversos aspectos que podem potencializar a formação desse profissional, bem como de ensinar os conteúdos da Geografia e promover, desde as crianças pequenas, a formação de um pensamento geográfico. Consideramos fundamental nesse processo, o papel do professor como aquele que medeia o processo de aprendizagem das crianças. A mediação pedagógica é uma dimensão teórica fundamental para se pensar na maneira pela qual os professores podem construir sua identidade profissional por meio dos conhecimentos geográficos, didáticos, e técnicos, bem como ensinar Geografia nos anos iniciais. A mediação do professor e quem permitirá o trajeto das questões sociais à dimensão social e psicológica do aluno

³ Principalmente na escola, considerando: condições socioeconômicas, a cultura local onde está inserida a escola (periferia das metrópoles, cidades pequenas, meio rural, comunidades indígenas, comunidades quilombolas, dentre outras culturas), condições estruturais da escola e das condições de trabalho do professor, recursos didáticos e técnicos para ensinar a disciplina, dentre outros.

por intermédio do conhecimento geográfico. Esses aspectos decorrem, portanto, da ação do sujeito associada às condições socioculturais e técnicas do meio para a construção de um pensamento geográfico (SOUZA, 2011a, 2011b).

Ao ensinar conteúdos sobre a Cidade de São Paulo para os anos iniciais, tendo como referência o conceito de paisagem, não podemos considerar os componentes da cidade como componentes estáveis, imutáveis e isolado, mas como componentes de uma estrutura de ação do pensamento, resultantes da relação entre sujeito e objeto no contexto em que se apresenta. Enfatizamos que, neste processo, o conceito é uma operação cognitiva, localizado na dinâmica das funções psicológicas elementares combinados com funções mentais superiores, culminando num determinado tipo de linguagem. Esta, por sua vez, tem significado no mundo e nos sujeitos e sofre constantemente uma evolução ao longo do processo de desenvolvimento intelectual do sujeito (VIGOTSKI, 2001).

Sabemos que nas escolas de nível fundamental, os alunos dificilmente operam por conceitos. Esta abordagem, no entanto, pode permitir que as ações cognitivas possam desenvolver noções geográficas, as quais consideramos essencial para o desenvolvimento conceitual. No caso da geografia, o desenvolvimento de conceitos ou desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno, é um dos objetivos centrais dos conteúdos ensinados na escola. Significa dizer que os alunos irão operar por conceitos, na medida em que as noções foram sendo construídas ao longo do percurso escolar. Esse processo nunca termina.

Pensar geograficamente a partir da paisagem e dos conteúdos sobre a Cidade de São Paulo, significa proporcionar aos estudantes as seguintes noções: a **observação** e a descrição dos objetos que compõem o espaço urbano da cidade e que podem ser percebidos pelos alunos em seu cotidiano (os prédios, as praças, as ruas, as casas, os monumentos, etc); a **localização** dos objetos nos espaços da cidade (onde está? Porque está nesse lugar e não em outro?); a **função** dos objetos nos contextos históricos da cidade, definindo o uso social desses objetos para a população (qual a função das residências? Qual a função dos bancos? Qual a função da escola? Essas funções alteram-se ao longo do tempo?); as **escalas** geográficas por permitir que um determinado objeto pode estabelecer alguma conexão com outros espaços (do município, da região, do país e do mundo); a **produção** desses objetos no espaço urbano (quem construiu? Quem mandou construir? Quando? Para quem?); o **mapeamento** e a fotografia dos objetos que compõem a cidade nas práticas escolares, caracterizando dessa forma, outras linguagens geográficas alternativas com e para os alunos. Destacamos aqui algumas dimensões do conceito de paisagem

e como ele pode proporcionar nos alunos dos anos iniciais algumas noções geográficas.

Vale ressaltar ainda que, ao trabalharmos com os conteúdos sobre a cidade de São Paulo, os alunos podem desenvolver, ainda, as seguintes noções relativas à paisagem e ao pensamento geográfico: as **aglomerações** de casas, de prédios, de veículos e de pessoas que identificamos nos arranjos da cidade; as **centralidades** financeira e de serviços na cidade (os bancos, as universidades, as moradias de alto padrão, as indústrias, etc); as **segregações** na cidade (favelas, bairros distantes sem transporte, ocupações irregulares, falta de saneamento, etc).

Vimos que as localizações dos objetos no espaço e as suas funções para as populações, a dimensão histórica da produção dos objetos no espaço, a transposição desses objetos para diferentes tipos de linguagem geográfica, os relacionamentos dos objetos do espaço da cidade com outros espaços, as aglomerações, as centralidades e as segregações na Cidade de São Paulo, proporcionaria aos alunos dos anos iniciais, a construção de noções próprias de um pensamento geográfico capazes de, no futuro, operarem por conceito, compreender a cidade pelo conceito de paisagem.

Para o encaminhamento didático sobre o conceito de paisagem nas aulas de Geografia dos anos iniciais trabalhando com o conteúdo sobre a Cidade de São Paulo, consideramos três princípios importantes: o primeiro princípio refere-se ao fato de que os conceitos não são construídos via transmissão de conteúdo. Os alunos precisam de mecanismos que facilitem a interiorização e que percebam a importância dos conteúdos como condição capaz de modificar os conceitos cotidianos; o segundo princípio é tomado do fato de que, a construção de conceitos decorre de processos mentais complexos, sendo o pensamento resultado de problematizações colocados para os alunos em diversas situações da aula. Ensinar sem a existência de problemas, significa, acima de tudo, dificultar as condições para a aprendizagem dos alunos e não dar motivos para que ele aprenda; o terceiro princípio reside no fato de que os conceitos cotidianos, decorrentes de experiências espaciais apreendidas no dia a dia e os conceitos da Geografia não são polos opostos. Os saberes que os alunos possuem sobre a sua cidade é o ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico e o que pode permitir a mobilização dos conceitos científicos. Quando observamos que os alunos em sua vida cotidiana possuem conhecimentos e práticas sociais que se manifestam nas práticas espaciais, e que a paisagem pode ser uma importante ferramenta dessas práticas, diz-se, então, que os alunos possuem um conhecimento geográfico que é construído a partir das experiências com/na família, com/na escola, com/na rua, pelos meios

de comunicação etc. A escola e os conteúdos de Geografia tem a tarefa de modificar os saberes existentes passando a imprimir cada vez mais noções de base geográfica. É sobre estas bases que desenvolveremos a próxima parte do texto.

Procedimentos metodológicos para ensinar Geografia a partir das obras de arte dos museus paulistano

Este texto é parte de uma investigação maior⁴ que objetivou analisar a construção dos conceitos de lugar, paisagem, cidade e urbano no ensino de Geografia e foi desenvolvida durante a formação de professores de Pedagogia na Universidade de São Paulo – USP, no âmbito da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia (MEG), no ano de 2014. As evidências empíricas que compuseram esse artigo foram retiradas das Sequências Didáticas (SD) elaboradas pelas alunas do curso, com um objetivo específico de planejar o ensino de Geografia a partir dos referidos conceitos. Para o caso do conceito de paisagem, os estudantes de Pedagogia deveriam elaborar sua SD tendo as obras de arte (pinturas) dos museus paulistanos como recurso didático. Nesse processo de elaboração até a análise da sequência, fizemos o acompanhamento das atividades junto a 63 alunos matriculados na disciplina MEG. e adotamos os seguintes procedimentos: a observação de aulas, a análise do trabalho realizado sobre as obras de arte nos Museus da Cidade de São Paulo (SD) e as discussões com os alunos sobre as dificuldades que eles enfrentaram no desenvolvimento dessas atividades.

A pesquisa foi baseada na metodologia de natureza qualitativa que de acordo com Martins (2004, p. 01), “a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”. A autora ressalta a flexibilidade dos métodos qualitativos, sempre buscando acompanhar as sinuosidades da pesquisa e do sujeito investigado. É, portanto, uma prática contextualizada, situada na cultura escolar da escola-campo e no contexto de formação desses licenciandos. As atividades sobre as pinturas ocorreram no período de março a junho de 2014, dentre os quais destacamos as percepções dos estudantes de Pedagogia sobre a Cidade de São Paulo, as nossas orientações/mediações no desenvolvimento dessas atividades, usando as obras de arte em museus, as SD elaboradas e o trabalho final da disciplina MEG.

⁴ Essa investigação foi coordenada por CASTELLAR, financiada pela FAPESP, e analisou sobre as potencialidades e os obstáculos dos referidos conceitos no Ensino da Geografia com alunos da Pedagogia da USP e de professores da Educação Básica do Estado de São Paulo.

De início, destacamos que as percepções espaciais dos estudantes de pedagogia incidem principalmente sobre o espaço urbano da cidade de São Paulo. Tais percepções foram organizados a partir de duas atividades que tiveram como objetivo central de identificar suas percepções sobre a cidade, com destaque para o lugar que os museus ocupam nessas percepções. Na primeira atividade pedimos aos estudantes que destacassem dez lugares da cidade de São Paulo que fossem representativos para eles e as sensações/sentimentos que eles tinham com esses lugares. A atividade revelou que os museus não foram percebidos como objetos da cultura paulistana na vida diária dos estudantes de Pedagogia. O local de trabalho desses estudantes, o local onde moram, a Avenida Paulista, as marginais do Rio Tietê e do Rio Pinheiros, a USP, a rua 25 de Março e o Parque do Ibirapuera foram exemplos de elementos da paisagem da cidade mais perceptíveis pelos estudantes de Pedagogia. São lugares que, em grande parte, estão relacionados com espaços cotidianos vividos por esses estudantes.

Na segunda atividade, solicitamos aos alunos de Pedagogia que redigissem uma carta com informações sobre a cidade de São Paulo, considerando-se que o destinatário dessa carta não conhecesse essa cidade. A partir das cartas escritas pelos estudantes, foi revelado, por um lado, as paisagens relacionadas com suas práticas cotidianas na cidade, e por outro lado, as imagens de São Paulo que eles gostariam de destacar ao destinatário, do tipo: os problemas urbanos da cidade, com destaque para o congestionamento do tráfego, as áreas de lazer (parques e avenidas) e os espaços culturais. Esses foram os locais contidos nos conteúdos das cartas. Ao destacarem os espaços culturais da cidade, os museus aparecem como importante objeto da paisagem paulistana, que o visitante poderia conhecer, e os alunos os destacaram como importantes museus: Museu de Arte de São Paulo (MASP) e a Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa, foram os mais citados.

Percebemos que ao destacar os lugares da cidade no cotidiano dos estudantes de Pedagogia, os museus não são percebidos por eles, mas foram percebidos como espaços que os estudantes valorizam e que são adequados para as pessoas que não conhecem a cidade. Na sala de aula, muitos estudantes de Pedagogia relataram que raramente vão aos museus, muitos não conhecem boa parte dos museus da cidade e esses espaços não foram muito valorizados pela escola quando eram estudantes da Educação Básica, principalmente nas escolas públicas em bairros mais periféricos da cidade de São Paulo e de outras cidades da Região Metropolitana. Estas evidências confirmam a nossa assertiva no início do texto quando apontamos que as obras de arte dos museus no Brasil

é um patrimônio de pouca acessibilidade/visibilidade para a população de baixa renda, principalmente as pessoas das escolas públicas do país.

A partir dessas percepções foram apresentados e discutidos com os estudantes alguns textos sobre conceitos geográficos (Cavalcanti, 2012), com ênfase no conceito de paisagem, a relação desses conceitos com a cidade de São Paulo, e a relação dessa temática com a educação infantil (SOUZA, 2011).

Pedimos então que os estudantes de Pedagogia desenvolvessem um trabalho com as obras de arte (pintura, principalmente) em qualquer museu da cidade de São Paulo e que apontassem o potencial das obras de arte para os anos iniciais e para trabalhar a paisagem e a cidade a partir das obras escolhidas. O trabalho foi desenvolvido individualmente ou em equipe. Dos 63 alunos inscritos na MEG, 48 realizaram a atividade, totalizando 19 trabalhos individuais e em grupo. Desse total, 10 trabalhos foram selecionados para emprender nossas análises por terem atendidos as nossas orientações: possuir obras de arte para ensinar sobre a cidade de São Paulo, ter o museu como espaço educativo e adotar uma metodologia tendo por base o conceito de paisagem como núcleo central. Seis trabalhos centraram-se na utilização do museu como um todo para ensinar a disciplina, não selecionando nenhuma obra de arte. Os outros três trabalhos não atenderam aos critérios de elaborar uma proposta de ensino tendo a cidade como objeto e conteúdo, além de não ter se atentado para o conceito de paisagem como eixo central.

Dos 10 trabalhos que selecionaram as obras de arte para ensinar Geografia, cinco selecionaram oito pinturas e gravuras, como se segue: jogos infantis de Pieter Brugel (sec. XVI); Paisagem Urbana de Ernesto De Fiori (1941); Baía de São Vicente (1912), Porto de Santos (1895), e Praia do Itararé, (sec. XX) de Benedito Calixto; A Igreja do Recolhimento da Luz, de Bruchell (1827); Cidadela de Darel Valença Lins (1964) e Cidade de Gerty Sarue (1977). Os outros cinco trabalhos selecionaram as seguintes obras de arte: painel sobre a história da cidade de São Paulo (sem autor e sem data); Foto Minhocão de Nair Benedicto (1991); Vitrais sobre as espécies da flora brasileira de João Barbosa Rodrigues (1940); Foto Intervenção de Daniel Lima (1963); e Mapa da Língua Portuguesa (sem autor e sem data). As presentes obras participam do acervo dos seguintes museus paulistanos: MASP, Pinacoteca, Catavento, Jardim Botânico, Museu de Arte Sacra, Museu Afro Brasil e Museu da Língua Portuguesa⁵. Em todos os museus, os estudantes propuseram para além de analisar as obras de arte

⁵ Houve um incêndio nesse museu em 21 de dezembro de 2015 e o mesmo encontra-se fechado para recuperação de suas instalações e acervo.

selecionadas, planejaram outras atividades incluindo a visita ao museu como um todo.

Para o desenvolvimento do conceito de paisagem, a partir dessas obras, os estudantes da Pedagogia da USP tomaram como ponto de partida os seguintes temas: história das moradias, brincadeira de crianças, o visível e o invisível na cidade de São Paulo, meio ambiente, a Cidade de São Paulo e as relações de poder na cidade, história da Língua Portuguesa, as mudanças na paisagem, a transformação do espaço ao longo do tempo e pensar a cidade.

A metodologia básica para ensinar sobre a cidade de São Paulo, tendo por base o desenvolvimento do conceito de paisagem, centrou-se, essencialmente: em visita aos museus com observação e descrição da obra, diálogos sobre a obra de arte e sua relação com a cidade; comparação entre a obra e o espaço nela representado (por vezes usando fotografias e ou trabalhos de campo); síntese com percepção das crianças sobre a obra e a cidade (predomínio de desenhos e painéis com imagens diversas).

Destacamos que a metodologia empregada pelos estudantes acima descrito, se caracterizaram como procedimentos didáticos próprios para as crianças dos anos iniciais e apropriados para as operações cognitivas empreendidas para que as crianças promovam um pensamento espacial a partir das obras de arte (observação, descrição, comparação e síntese) e que consideraram o lugares e saberes dos alunos como referência para ensinar a Geografia.

Segue agora algumas perspectivas dos estudantes da Pedagogia no desenvolvimento desse trabalho tendo em vista o desenvolvimento do pensamento geográfico para os alunos dos anos iniciais.

Especificamente sobre o conceito de paisagem podemos dizer que tal conceito esteve no contexto das atividades dos estudantes de Pedagogia e que tais atividades permitiram o desenvolvimento de noções espaciais nas crianças, conforme exemplos a seguir:

Essas crianças que visitam o museu Catavento, durante as visitas dirigidas, podem ser levadas a "ler o espaço", pois assim a criança estará lendo a sua própria história, representada, particularmente, pela vivência daqueles que vieram antes delas e dos grupos com os quais convive atualmente. Com isso, fazer a leitura da paisagem é uma forma interessante de desvendar a história do espaço analisado, ou seja, a história das pessoas que ali frequentam ou vivem (Grupo 3).

Nesse depoimento os estudantes destacam uma dimensão importante para se pensar geograficamente, a temporalidade como dimensão para se compreender o espaço geográfico. A temporalidade permite a compreensão da

paisagem para além do visível e analisar os elementos da paisagem nos diversos contextos. O depoimento a seguir também expressa essa preocupação, além de se preocupar com os saberes dos alunos como referência para se pensar o espaço.

Explorar e conhecer o local nela representado, buscar desenvolver a capacidade de raciocínio a partir dos conhecimentos prévios, e aqueles adquiridos, fazendo com que o aluno conheça melhor a cidade em que vive; além de entender as mudanças causadas nas paisagens no decorrer da história, e das transformações causadas pelo homem bem como os problemas e benefícios que estas oferecem (Grupo 5).

O aluno será capaz de comparar a realidade do local pintado na tela com a cidade atual (Grupo 14).

Após o passeio ao Jardim Botânico, as crianças serão levadas ao Museu Interno e analisar o vitral que pode nos ajudar a compreender a História da Botânica no Brasil, evidenciando os benefícios sociais, econômicos e ambientais da preservação e conservação da biodiversidade de São Paulo (Grupo 7).

Os depoimentos anteriores expressam ainda uma preocupação com a dimensão cognitiva do aluno levando-os a observar, comparar e estabelecer relações temporais. São dimensões caras ao processo de construção do conhecimento. Sobre o conceito de cidade e paisagem, tomamos o depoimento a seguir como expressão desses conceitos nas atividades desenvolvidas pelas alunas nesse espaço cultural da cidade de São Paulo:

[...] as cidades são visíveis e ao mesmo tempo, invisíveis ao olho cotidiano. As pessoas moram nas cidades e muitas vezes não conhecem verdadeiramente aquele lugar em que estão inseridos. Pouco a observam e percebem a história da cidade e as mudanças que ocorrem ao longo dos anos, principalmente levando em conta a paisagem e suas transformações (Aluna do grupo 5).

Percebe-se, a partir dos dados empíricos demonstrados pelos estudantes da Pedagogia que o trabalho com museus e com as obras de arte potencializa o desenvolvimento do conceito de paisagem com foco na formação de um pensamento espacial das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa atividade foi da mesma forma importante para a formação desse grupo da Pedagogia que passaram a compreender outra Geografia. Não somente a Geografia das localidades e das paisagens estáticas.

"Eu pensava que a Geografia era para decorar as capitais, os rios, e entender as guerras (aluna da pedagogia, vespertino) ". "Paisagem para mim é a tela do Windows no computador (aluna da pedagogia, noturno) ". "Eu pensava que paisagem era imagem de coisas bonitas, bucólicas (outra aluna da pedagogia, noturno) ".

Durante as discussões muitas alunas enfatizaram que poucas vezes vão aos museus e algumas disseram nunca ter visto alguns dos museus mais importantes da cidade. Essa experiência, segundo as alunas, e uma prática do professor nesses espaços tendem a fortalecer a formação docente, bem como o desenvolvimento de um espírito científico cultural mais amplo. A exemplo do significado desse trabalho na formação do professor, segue um depoimento:

A visita ao Museu de Arte Sacra, permitiu que eu conhecesse um espaço ainda não visitado, e através do trabalho realizado em conjunto com outro grupo permitiu que tivesse contato com outra modalidade de ensino que é a Educação de Jovens e Adultos. Se através do ensino de Geografia a disciplina pretende ir além do conhecimento do espaço, ela me proporcionou inúmeras experiências e conhecimentos de diferentes naturezas (Aluno do Grupo 14).

Os procedimentos didáticos para as atividades de ensino de Geografia com os museus e seus acervos, propostos pelos estudantes de Pedagogia da USP matriculadas na disciplina MEG foram elaboradas, centralmente: com visitas aos museus, com observação do espaço e das obras selecionadas como objeto de ensino, com conversa e discussão com as crianças, fazendo comparações entre a obra e a cidade e com o uso de desenhos. São atividades de ensino capazes de desenvolver pensamento geográfico nas crianças pequenas, principalmente quando tais atividades se apresentam sequencialmente bem articuladas e encadeadas, como observamos e boa parte das SD elaboradas pelos estudantes.

Considerações finais

A partir das discussões nesse texto, percebemos que é possível formar professores de Pedagogia para atuarem, metodologicamente falando, com a construção de conceitos no ensino da Geografia para os anos iniciais. Não queremos dizer com isso que os alunos dos anos iniciais são capazes de operar por conceitos, pois o desenvolvimento do mesmo ocorre em níveis escolares posteriores e em toda a escolaridade do aluno. Acreditamos, no entanto, que o aluno operará por conceitos na medida em que um conjunto de noções geográficas são construídas em toda vida escolar, desde os anos iniciais, e que os conteúdos da disciplina e suas linguagens são importantes instrumentos para tal desenvolvimento.

Com base nas discussões reafirmamos que o ensino fundamentado em conceitos é importante se considerarmos: o professor deve mediar os processos de construção do conhecimento devendo utilizar-se dos conteúdos e dos recursos didáticos para o ensino de Geografia; as aprendizagens dos alunos decorrem essencialmente das ações cognitivas; os conteúdos devem ser

contextualizados para que os alunos possam dar sentido dos mesmos nas suas práticas cotidianas.

As mediações didáticas para formar os estudantes de Pedagogia para atuarem nos anos iniciais na perspectiva da construção de conceitos foram imprescindíveis e ocorreram ao longo de toda a disciplina MEG, mediante o desenvolvimento de atividades e a partir das dificuldades/concepções que os estudantes enfrentavam. Tomávamos essas dificuldades como ponto de partida para as mediações necessárias à transposição das mesmas. Isso ocorreu na elaboração dos objetivos da SD, no desenvolvimento dos conceitos geográficos e na articulação entre as dimensões do planejamento de ensino. Nessas etapas de mediação, utilizamos textos na sala de aula bem como os recursos didáticos instrumentais fundantes às mediações.

No processo, destacamos a riqueza das obras de arte como uma linguagem alternativa e portadora de conteúdos geográficos e como propulsora de linguagem também alternativas para motivar a aprendizagem dos alunos dos anos iniciais. Para as orientações dessas atividades, os estudantes da Pedagogia desenvolveram conceitos de que a paisagem está para além da beleza e do bucólico. A paisagem deve ser vista na sua dimensão temporal e das funcionalidades sociais que nela se expressa. Os estudantes destacaram que trabalhar com esta abordagem permite superar a ideia de ensino baseado na transmissão dos conteúdos. O aluno passa a ser considerado sujeito de forma mais efetiva quando temos espaços de aprendizagem e ferramentas de ensino mais lúdico no processo de construção do conhecimento. Isso sem destacar o fato de que, pelas atividades dessa natureza, podemos levar boa parte dos alunos das escolas públicas das periferias das grandes cidades a esse equipamento urbano portador de rica cultura social, os museus.

Referências

CASTELLAR, S. (2010). *Educação geográfica: formação e cidadania*. In: MORAIS, E. M. B. de; MORAES, L. B. de. *Formação de professores: conteúdos e metodologias no processo de ensino e aprendizagem de Geografia*. Goiânia: NEPEG, VIEIRA.

CAVALCANTI, L. (2012) *O ensino de geografia na escola*. Campinas, SP: Papyrus.

GARCÍA PÉREZ, F. F. (2000). *Los modelos didácticos como instrumento de análisis y de intervención en la realidad educativa*. Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. [ISSN1138-9796] Nº 207. <http://www.ub.es/geocrit/biblio3w.htm>. Acesso em 17/01/2009.

MARTINS, H. H. T. (2004). *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e pesquisa. v.30, n.2. São Paulo, maio/ago.

MYANAKI, J. (2008). *Geografia e Arte no Ensino Fundamental: reflexões teóricas e procedimentos metodológicos para uma leitura de paisagem e da pintura abstrata*. Tese de doutorado Departamento de Geografia da USP

PORLÁN ARIZA, R. RIVERO, A. (1998). *El conocimiento de los profesores*. Sevilla: Diada Editora.

SOUZA, V. C. (2011a). *A construção do pensamento espacial crítico: o papel da leitura e da escrita no ensino da geografia*. Revista Anekumene. Vol. 01, número 2.

SOUZA, V. C. (2011b). *Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino da geografia: bases para formação do pensamento espacial crítico*. Revista brasileira de educação geográfica. Vol. 1, n. 1.

SOUZA, V. C; CASTELLAR, S. M. V. (2016) *Erros didáticos e erros conceituais no Ensino da Geografia: retificações e mediações à construção do conhecimento*. Boletim Goiano de Geografia. Vol. 36, nº 02.

VIGOTSKI, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

ZABALA, Antoni (1998). *A Prática educativa: como ensinar*. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed.